
MANUEL VILLAVERDE CABRAL

Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

Teoria crítica & *informationcritique* (comentário também crítico à conferência de Scott Lash)

31

ANTES de comentar muito brevemente a conferência inaugural que acaba de ser pronunciada por Scott Lash, não queria deixar de reagir, mais sucintamente ainda, às palavras de abertura do Boaventura Sousa Santos. Ao mesmo tempo que o felicito muito calorosamente, bem como toda a equipa da *Revista Crítica de Ciências Sociais*, pelo notável trabalho que têm feito pelas ciências sociais em Portugal, creio, no entanto, que há, no levantamento que ele acaba de fazer dos problemas que se colocam hoje à Teoria Crítica, um que não foi mencionado. *Et pour cause*. Trata-se, se é lícito exprimir-me assim, do problema de a chamada Teoria Crítica ser ainda uma *teoria*, no sentido em que o próprio desenvolvimento das ciências sociais e, em particular, da sociologia a terá tornado artificiosa e, em última instância, ideológica.

Trata-se, em suma, do facto de ela se apresentar cada vez mais como uma *teoria* no sentido em que Scott Lash aqui usou a expressão para rejeitar a possibilidade de um empreendimento teórico global que, ainda por cima, pretende ser, como sucede com a Teoria Crítica clássica, não apenas uma teoria das ciências sociais mas, na realidade, uma filosofia

política e, em última análise, uma filosofia da vida e das dimensões práticas da acção humana e social.

Neste sentido, temo que haja até uma certa arrogância, que o Boaventura aliás não deixou de reconhecer, na pretensão de juntar numa só expressão os dois termos: 'Teoria' e 'Crítica'. É verdade que o exercício concreto da Teoria Crítica é mais plural e mais reflexivo do que as suas pretensões poderiam fazer temer. Pela minha parte, sinto-me muito mais estimulado pelas reflexões críticas de um Adorno, acerca nomeadamente da «massificação cultural», do que pelo determinismo sociológico de um Bourdieu, por exemplo. Tomo assim as reflexões da chamada Teoria Crítica como algo de reciclável em permanência e com maior valor ético e heurístico do que propriamente teórico e metodológico. Sinto-me à vontade, portanto, para pegar naquelas partes da Teoria Crítica que me podem servir no meu trabalho e que muitas vezes são, aliás, reciclagens de boas ideias anteriores.

Em contrapartida, não me parece que se lhe possa conceder, apesar da sua reivindicação, o monopólio da crítica social. Por mim, tendo a pensar que toda a boa ciência social será crítica. E o que mais falta faz é, sobretudo, uma crítica das teorias. Ou seja, uma crítica das teorias disponíveis feita a partir das aquisições das ciências sociais existentes e daquilo que elas produzem de conclusivo. Numa palavra, faz falta uma crítica prática – no sentido de prática científica – de todas as teorias, incluindo aquela que reservou para si própria o ambicioso nome de Teoria Crítica.

Nesta medida, não deixo pois de partilhar a propensão de Scott Lash para negar a possibilidade de uma ciência social ontologicamente crítica e considero sugestiva a forma que ele encontrou para propor uma espécie de alternativa às pretensões da Teoria Crítica que designou com a expressão intelectualmente feliz de *informationcritique*. Todavia, quanto ao conjunto da sua comunicação, temo que aquilo que se pode dizer a respeito de um discurso tão geral como este é que há nele... generalização a mais, ou seja, o autor colocou-se a um nível de generalidade que as actuais ciências sociais me parecem já não consentir hoje em dia. Por outras palavras ainda, a sociologia sabe hoje, ao mesmo tempo, de mais e de menos acerca dos modos como a sociedade actual se estruturou e como funciona para que seja lícito generalizar da forma como Scott Lash acaba de fazer.

Em meu entender, há múltiplos factores teóricos e empíricos que tornam implausíveis as suas generalizações. Na rea-

lidade, creio mesmo poder sugerir que ele nos falou mais das novas tecnologias da informação do que da informação propriamente dita, isto é, tomou tipicamente a parte pelo todo. Dado o tempo limitado que me é concedido e que não permite, de modo algum, cobrir a vastidão de temas abarcados na conferência, concentrar-me-ei exclusivamente em dois factores de ordem teórico-metodológica que, sem prejuízo do interesse e até da validade de algumas das suas conclusões parciais, comprometem contudo a conclusão global a que ele pretende chegar. O primeiro desses factores diz respeito à natureza da comunicação e o segundo à natureza da informação, ambas evidentemente enquanto processos sociais.

Reconheço que qualquer autor é obrigado a generalizar quando pretende alcançar o nível de abrangência empírica em que Scott Lash se situou; é um risco natural. Mas é certamente excessivo o grau de irreflexividade que ele atribui à comunicação naquilo a que chama a *era informacional*. Além da indemonstrada e, porventura, indemonstrável centralidade que ele confere à informação e às novas tecnologias da comunicação na sua proposta de *informationcritique*, não creio, com efeito, que qualquer processo comunicacional possa ser tão irreflexivo — mesmo na recepção dos jornais televisivos pelas «massas» — como aqui nos foi apresentado. Já direi porquê.

Antes, porém, é preciso resumir o argumento de Scott Lash. É indiscutivelmente sugestiva a sua ideia de que o *poder simbólico* teria deixado de ser ideológico para se transformar em puro *poder informacional*, em suma, em meros eventos imediatos, efémeros e comprimidos no tempo e no espaço, que projectariam um fluxo unificado onde seria impossível distinguir entre racionalidade e irracionalidade, entre ordem e desordem. De acordo com McLuhan, Scott Lash acredita que «o meio é a mensagem» e que esta última seria incompatível ou aboliria mesmo qualquer narrativa ou discurso. Em suma, estaríamos hoje, segundo ele, perante um fluxo de curtíssimas mensagens (*sound bytes?*) que não deixariam qualquer tempo para a reflexão.

Simultaneamente, o poder permaneceria ligado ao conhecimento, mas este último não seria mais do que conhecimento informacional; permaneceria ligado à mercadoria, mas a mercadorização (*commodification*) seria já liderada pela informatização; permaneceria ligado à propriedade, mas a propriedade intelectual teria já substituído os antigos meios de produção. A súpula de tudo isto redundaria numa *era*

informacional onde a única crítica social possível seria a crítica da própria informação, ou seja, a *information critique*.

Ora bem, é aqui que vale porventura a pena parar para pensar. Socorrer-me-ei para isso de alguém como Jeffrey Alexander, o teórico neofuncionalista que alguns designariam talvez como não-crítico. É ele, no entanto, quem recupera da fenomenologia, a propósito especificamente dos actuais *newsmedia*, a noção de que é necessária a existência de uma espécie de forma linguística do *Lebenswelt* para que, antes mesmo de o fluxo informacional correr, se estabeleça a própria comunicação (Alexander, 1990). A ideia vem, aliás, de Niklas Luhmann (1992). Mais concretamente, eu próprio já tive oportunidade de chamar a atenção para o facto de que, ao contrário da abolição da narratividade e dos seus procedimentos mais convencionais, toda a ficção televisiva, *maxime* a telenovela, mais não faz do que reciclar os modelos da narrativa clássica, desde Homero até aos folhetins do século passado, como *Os Miseráveis* de Vitor Hugo (Cabral, 1997).

Ambos, Luhmann e Alexander, fornecem assim os fundamentos teórico-filosóficos para se perceber que a reflexividade, parecendo abolida por essa realidade mediática que Scott Lash designa pelo termo de *compressão*, pré-existe no mundo-da-vida fenomenológico, ou seja, num espaço pré-hermenêutico, o que a torna portanto absolutamente irredutível a essa *compressão* total do sentido, essa narratividade e essa desideologização que, segundo Lash, seriam efectuadas pelos meios de comunicação social modernos.

Por outro lado, há ainda uma outra forma, por assim dizer, pré-reflexiva da reflexividade que é a filtragem. Aliás, toda a teoria da informação reconhece que há nesta última, por definição, uma quantidade indeterminável de ruído e é através deste que filtramos a informação. Tal filtragem, pois, é já um acto reflexivo em si mesmo. É, portanto, daquela forma linguística do *Lebenswelt*, que garante o funcionamento eficaz do mais *comprimido* dos processos comunicacionais, e desta filtragem do ruído informacional que resulta o facto de a informação não deixar de permanecer, na era da sua alegada centralidade, socialmente estratificada. Por outras palavras, os processos comunicacionais permanecem tão longe como sempre estiveram da compressão homogénea que Scott Lash sugere. Nesta medida, pode até dizer-se que a chamada era da informação está numa fase atrasada, por assim dizer, relativamente à própria evolução da sociedade moderna no sentido da diferenciação funcional.

Passando da natureza da comunicação à informação, que actualiza permanentemente aquela, bastará pensar em alguns tipos concretos de informação para nos darmos conta do seu grau de estratificação. Além de ser funcionalmente diferenciada, a informação financeira, por exemplo, é também hiper-especializada. Destina-se a utilizadores muito concretos e só afecta o cidadão comum através de formas cujas complexas mediações teriam de ser feitas mas, na verdade, não temos nenhuma teoria para as fazer. Já a informação económica, por seu turno, tem um ritmo bem como destinatários substancialmente diferentes da informação financeira; mas há ainda a informação comercial, por exemplo, com âmbitos, temporalidades e destinários igualmente diversos. No extremo oposto da instrumentalidade dos tipos de informação citados, só para dar mais um exemplo, encontra-se a informação científica, com os seus protocolos de validação *sui generis* e com a particularidade de os seus produtores e os seus consumidores serem virtualmente coincidentes.

Há, pois, uma gama infinitamente variada de tipos de informação com temporalidades, regras e conteúdos demasiado diferenciados e socialmente estratificados para que seja lícito, na minha opinião, generalizar da forma que Scott Lash fez acerca de uma alegada era da informação comprimida e irreflexiva. É certo que esses ritmos e registos profundamente diferentes da informação criam uma espécie de irracionalidade social, mas esta é talvez mais aparente do que real.

Criam, certamente, como ele afirma, uma desordem e um ruído que tornam mais improváveis a comunicação e a reflexividade, no sentido que Luhmann dá à noção de improbabilidade, mas não creio que tenhamos, por ora, uma boa teoria para dar cabalmente conta de tais processos. A melhor hipótese de trabalho é, porventura, a de que a diferenciação funcional e a estratificação social da informação se combinam para filtrar o ruído e assegurar a reposição da ordem que a sua *compressão mediática* parece fazer entrar em colapso.

Na realidade, tal colapso é tanto mais improvável quanto todos esses tipos de informação pressupõem uma confiança socialmente partilhada, que faz parte, ela também, do *Lebenswelt* e, embora essa confiança não possa ser expressa nem, por conseguinte, analisada em si mesma, não pode deixar de estar presente até prova em contrário, isto é, até prova da sua manifesta ruptura. Com efeito, fiquei com a ideia de que há, no discurso de Scott Lash, um segundo momento reducionista em que, depois de já ter tomado a informação pela

comunicação, como sugeri acima, ele toma também aquilo a que poderíamos dar o nome de informação cultural por toda a informação, em suma, pela informação enquanto tal.

Por informação cultural, entendo eu esse vasto arco da simbólica pós-moderna em que os produtos — novos e/ou reciclados — das indústrias culturais e artísticas se ligam, sem solução de continuidade, à informação sobre o entretenimento, a moda, o turismo e as viagens, o desporto, etc., até à informação sobre os próprios *media*, constituindo como que um suporte material daquilo que não sou capaz de designar senão recorrendo à fórmula, produzida premonitivamente por Guy Debord nas vésperas de Maio de 1968, da *sociedade do espectáculo*.

Ora, é esta redução da sociedade ao seu espectáculo — efectivamente promovida pelos *media* actuais e, de algum modo, incorporada na noção de *era informacional* perfilhada por Scott Lash — de que se revela não só excessiva e mesmo pouco plausível como, sobretudo, altamente distorcedora de todas as diferenciações e desigualdades societais. Em suma, fiquei com a impressão — até pelos exemplos dados por ele no debate — de que o seu discurso não é mais do que uma generalização dessa configuração comunicacional que tem o seu ponto culminante na informação cultural mediática, mas confesso não ver suficiente fundamentação teórica e metodológica para generalizar tal configuração ao nível de cada sociedade e, menos ainda, ao nível da sociedade global.

E sendo assim, é a própria proposta da *informationcritique* que ganha um contorno contrário àquele que Scott Lash pretende dar-lhe enquanto alternativa a uma Teoria Crítica. Com efeito, parece-me que, para fazer plenamente sentido, a *informationcritique* terá não só de se projectar para fora do círculo fechado da pura informação mediática como há-de, ainda, buscar em cada espaço societal e na sociedade global, aquém e além da *compressão* informacional, a sua validação filosófica e social, ou nos termos dele, narrativa e discursiva, em suma, a sua validação reflexiva. ■

Referências Bibliográficas

- Alexander, Jeffrey 1990 «The Mass News Media in Systemic, Historical and Comparative Perspective», in J. Alexander; Paul Colomy (eds.), *Differentiation Theory and Social Change. Comparative and Historical Perspectives*. New York: Columbia U.P., 1990, 323-366.
- Cabral, Manuel
Villaverde 1997 «Práticas sociais e poder dos *media*», comunicação apresentada no 3º Congresso da Associação Portuguesa de Sociologia.
- Luhmann, Niklas 1992 *A improbabilidade da comunicação*. Lisboa: Vega.